

## O rádio paulistano como elemento constitutivo das práticas culturais<sup>1</sup>

Marta Regina Maia<sup>2</sup>

Universidade Metodista de Piracicaba (docente)

### Resumo

O propósito deste trabalho é traçar um breve cenário do chamado “anos dourados” da radiodifusão, nas décadas de 30 a 50, no município de São Paulo. Pretende-se contextualizar a história da cidade para depois analisar qual o papel deste veículo no imaginário de uma época, considerando-se os mecanismos de apropriação por parte do sujeito e localizando o rádio como componente das práticas culturais de uma época. Como fontes privilegiadas, serão considerados alguns depoimentos utilizados na tese de doutorado de Marta Regina Maia, intitulada “Quadros radiofônicos: Memórias das comunidades radiouvintes paulistanas (1930-1950)”.

### Palavras-chave

Processos mediáticos e culturais; radiodifusão; produção radiofônica; imaginário; metrópole e hibridismo cultural.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 21 – Comunicação e Culturas Urbanas, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> *Marta Regina Maia* é Doutora em jornalismo - Ciências da Comunicação - pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba e professora da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Jornalista formada pela PUC Campinas e Historiadora formada pela Unicamp. Participa ainda do Grupo de Pesquisa "Processos Mediáticos e Culturais" e coordena o Grupo de Estudos "Comunicação, Cultura e Recepção", da Unimep. E-mail: marta@martamaia.pro.br.

## 1. São Paulo de perfil

A heterogeneidade de São Paulo é componente essencial de sua trajetória. Os traços deixados pelos índios, colonizadores, escravos, imigrantes e mais recentemente pelos milhões de migrantes, formam um quadro surreal de uma complexa realidade, que passou por diversas transformações ao longo da história.

São Paulo ainda era, até o final da Primeira Guerra Mundial, um local de passagem. Sua área urbana era preterida em relação às grandes fazendas. Depois acabou sofrendo fortes influências européias, com seus casarões construídos pela própria aristocracia cafeeira, passando por alterações com a chegada de muitos imigrantes no início do século, que contribuíram para modificar o traçado urbano, agora com deslocamentos para outras áreas. Especialmente após o fim da Primeira Guerra, São Paulo começa a implantar fábricas e a seguir uma nova política econômica, expandindo assim sua produção industrial<sup>3</sup>.

A presença de pessoas oriundas de outros países e de outras regiões do Brasil contribuiu para a expansão da cidade e o próprio desenvolvimento de um certo cosmopolitismo que não apresenta sinais de total integração, pelo contrário, denota uma certa ambigüidade, pois “ao mesmo tempo que diferentes povos compartilham de uma experiência ao transitarem pelo mesmo espaço, expõem-se mais claramente as fronteiras de cada cultura”<sup>4</sup>.

Estas fronteiras também vão se configurando no espaço urbano já que, até a década de 30, houve um crescimento desordenado da cidade, sem políticas públicas específicas para o zoneamento urbano. Exclusão espacial que se associa ainda à exclusão política. Ainda segundo Raquel Rolnik<sup>5</sup>, esta situação começa a sofrer alterações a partir da década de 20, especialmente após os movimentos de 1924<sup>6</sup> e 1930<sup>7</sup>, quando as camadas médias e proletárias começam a se constituir como forças políticas no interior da cidade. Até estas datas referenciais, as camadas populares não contam com infra-estrutura básica, como saneamento, transporte e escola. Se há falta de atendimento a necessidades básicas, a situação é mais grave ainda no campo sócio-cultural, pois não há políticas públicas de cultura e lazer para estas camadas. Estas recorrem ao rádio, ao circo e ao cinema como espaços de lazer, que se apresentam como espaços significativos do circuito cultural da cidade.

O movimento modernista também ajudou a dar as primeiras pinceladas de um quadro de modernidade que a cidade iria expor nas décadas posteriores. Este movimento, conhecido

---

<sup>3</sup> Raquel ROLNIK. *A cidade e a lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*, p. 153.

<sup>4</sup> Silvio Luiz LOFEGO, *História e tradições da cidade de São Paulo: Estudo sobre a narrativa memorialista de Ernani Silva Bruno*, p. 160.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 146.

<sup>6</sup> Para conhecer um pouco mais sobre esses movimentos, ver Antonio MENDES JUNIOR e Ricardo MARANHÃO (orgs), *Brasil História: Texto e Consulta – Era de Vargas*, p. 43-48.

<sup>7</sup> Ver especialmente Edgar Salvadori de DECCA, *1930: O silêncio dos vencidos*.

pela famosa Semana de 22, contou com o apoio de um mecenas, o senador Freitas Valle, que fez de sua Villa Kyrial, um ponto de encontro dos artistas e intelectuais que lideravam o movimento. Entre eles, Oswald de Andrade, já dizia em 1921: “Que somos nós, forçadamente, iniludivelmente, senão futuristas – povo de mil origens, arribado em mil barcos, com desastres e ânsias?”<sup>8</sup>. Oswald, influenciado pela Europa, sem, entretanto, menosprezar a produção cultural do país, apresenta o futuro e o sonho como possibilidades iniludíveis.

E é também com um olhar para o futuro, embora tendo a noção de progresso como mote, que a indicação de Fábio Prado para prefeito, em 1934, pelo interventor federal em São Paulo, Armando de Salles Oliveira, veio a representar uma forma de o governo de Getúlio Vargas tentar implementar, em São Paulo, políticas públicas semelhantes às que vinham sendo implantadas pelo governo federal em outros lugares. Para realizar melhorias nas condições de vida das camadas populares foi necessário conhecer “seus hábitos alimentares, suas condições de moradia, a composição de seus orçamentos familiares, suas referências culturais”<sup>9</sup>, com o intuito de estabelecer estas políticas. Essas ações representam um importante mecanismo de apoio para a construção do conceito de Nação neste período, que tem uma forte conotação populista. Entretanto, este “voltar-se” para as populações carentes não significa atender toda a demanda social.

É importante pensar que, já na década de 30, o Estado tem um crescimento populacional gerado pela migração: “São Paulo, por exemplo, receberia somente entre os anos de 1936-1940 mais de 295 mil migrantes de outros estados, principalmente nordestinos”<sup>10</sup>. Embora esses dados refiram-se ao Estado, é para a capital que segue boa parte destes migrantes que sonham com as inúmeras possibilidades apresentadas pelo crescimento econômico da cidade. O crescimento populacional propiciou um grande impacto no perfil cultural e ajudou a reconfigurar as relações sociais no interior do espaço urbano da capital.

Fusionavam-se agora no espaço da Grande São Paulo uma torrente de línguas e dialetos. Das variantes italianas, o calabrés, o napolitano e o vêneto; do português falado pela população mestiça e negra cultivado no espaço urbano; do linguajar caipira chegado com os trabalhadores de origem rural, acrescidos pelo falar mineiro e nordestino, preservador do português arcaico dos tempos coloniais bafejados pelos dialetos africanos e pela língua geral, que ambientaram suas expressões típicas, a entonação de suas alocações, o movimento descansado de suas expressões.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Oswald de ANDRADE, Literatura contemporânea, Jornal do COMÉRCIO, 12/06/1921. In: Maria de Lourdes ELEUTÉRIO, *Oswald: Itinerário de um homem sem profissão*, p. 25.

<sup>9</sup> Raquel ROLNIK, *op. cit.*, p. 172.

<sup>10</sup> Alcir LENHARO, *Sacralização da política*, p. 26.

<sup>11</sup> Maria Arminda do Nascimento ARRUDA, *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*, p. 58-59.

Esse cruzamento étnico nos espaços da cidade é um dos elementos distintivos da formação de sua identidade, que não pode, portanto, ser pensada a partir de uma referência unívoca, já no ambiente cultural daquela época. Qualquer análise que opte por uma leitura de homogeneização por parte das camadas dominantes é dificultada pelo próprio cadinho cultural efervescente da cidade, pois não são somente os signos que podem e devem ser analisados, mas sim a própria realidade que insiste em ser muito mais polissêmica e surpreendente quando se analisa a cultura a partir das mais diferentes manifestações.

Não é possível, entretanto, falar sobre a história de São Paulo sem fazer uma menção específica sobre a chamada Revolução Constitucionalista de 1932, um marco histórico que, nas décadas seguintes, foi bastante rememorado. A história começa quando representantes do PRP (Partido Republicano Paulista), demonstrando descontentamento por terem sido aliados do poder, conseguiram aliar-se ao próprio Partido Democrático, que não havia conseguido o apoio desejado de Getúlio Vargas, e formaram uma “Frente Única”, que conseguiu derrubar o interventor imposto pelo presidente. Entretanto o movimento não tinha como objetivo somente a tomada de poder no estado, mas sim aspirava à volta ao poder nacional. Foi criada então uma “Junta Revolucionária” com o intuito de governar São Paulo e lutar contra o Governo Federal. Foram três meses de resistência, que deixaram marcas indeléveis na formação da identidade paulistana, sendo o rádio um elemento-chave na articulação deste movimento.

Mas não é só no campo político que São Paulo se diferenciaria. A década de 40 também irá criar as condições materiais para o surgimento de uma metrópole que anseia pela modernidade: “Foi neste período que nasceram mais de metade de todas as indústrias mecânicas, um terço das metalúrgicas e um quarto dos estabelecimentos destinados à produção de material elétrico e de comunicação”<sup>12</sup>. Esse desenvolvimento industrial leva à criação de mais empregos e também de circulação e consumo de bens de consumo, o que de certa forma, contribui para a ampliação do acesso a bens materiais e simbólicos de certa parcela da população que antes estava alijada desse processo.

Na década de 50, São Paulo tornar-se-ia o centro manufatureiro hegemônico do país, cabendo à iniciativa privada a condução desse processo, inclusive na área de comunicação. É nesta década ainda que ocorreu um evento referente: o IV Centenário. Durante todo o ano de 1954, foram realizadas inúmeras atividades como a inauguração do Parque Ibirapuera, das torres da Igreja da Sé, entre inúmeros outros acontecimentos. O rádio participou ativamente destas atividades, reafirmando a história e a própria perspectiva de “progresso” da cidade, que havia passado por uma série de alterações urbanas, como o *Plano de Melhoramentos*

---

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 53.

*Públicos*, aprovado pela Câmara Municipal de São Paulo, em 1951. Este projeto teve o intuito de preparar a cidade para as comemorações de 1954, que contou ainda com as obras, projetadas por Oscar Niemeyer, do Parque Ibirapuera<sup>13</sup>. Nesse sentido, é possível dizer que estas comemorações contribuíram para a recriação do mito bandeirante, agora com uma conotação para o futuro:

O elã comemoracionista de São Paulo no IV Centenário é, a médio prazo, uma resposta à derrota política e à vitória econômica. Perdeu-se a batalha de 1932, mas não a guerra da industrialização e do desenvolvimento [...] Mas, não só por suportes intelectualizados, da escrita, fez-se o enraizamento da “força” dos paulistas. Por via das ondas do rádio, produziu-se um verdadeiro culto a São Paulo e às suas figuras ancestrais, no ano do IV Centenário. Num mecanismo mimético, transladam-se os atributos da figura síntese do bandeirante para os paulistas como um todo, aqueles que foram capazes de um novo descobrimento: do desenvolvimento científico e tecnológico, das maravilhas da modernização.<sup>14</sup>

## 2. O rádio no contexto cultural paulistano

O rádio começou a ser incorporado de maneira mais acentuada no contexto paulistano a partir da década de 30, que é quando um número maior de emissoras iniciou suas transmissões. Um dos elementos que contribuíram para o surgimento de outras emissoras a partir desta década, foi a chamada Revolução Constitucionalista de 32, movimento que contou com o apoio das emissoras paulistas, em especial a Rádio Record, que tiveram um papel muito importante neste episódio. Pode-se dizer que este movimento contribuiu para evidenciar uma dimensão - até então pouco percebida - da radiodifusão. “A utilização do rádio em favor da causa constitucionalista, [...] aproximou ainda mais a população paulistana das emissoras e, principalmente, colaborou para criar o hábito de escutar rádio, sobretudo para manter-se informado.<sup>15</sup>

A dificuldade de audição da Rádio Nacional, na cidade de São Paulo, é um elemento essencial para se refletir sobre a especificidade da programação paulistana. Enquanto no interior do Estado paulista, a emissora carioca mantinha uma preferência incontestável, na capital, as emissoras paulistas é que detinham a audiência:

---

<sup>13</sup> *Ibid.*, *passim*.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 98-99.

<sup>15</sup> José Geraldo Vinci de MORAES, “Rádio e música popular nos anos 30”. In: Revista de História do Departamento de História da FFLCH da USP, p. 81-82.

Um exemplo sugestivo é o da Rádio Nacional, que praticamente não era ouvida na cidade de São Paulo, onde operavam a Rádio Record e a Difusora numa frequência de ondas que bloqueava sua penetração. Os estudos mostram que em São Paulo, nas décadas de 30, 40 e 50, o rádio tinha características marcadamente locais, e se pautava segundo um padrão regional. Os anunciantes conheciam bem este lado particular da rádio paulista, o que fazia, por exemplo, com que as radionovelas de sucesso apresentadas no Rio de Janeiro por uma determinada emissora fossem reapresentadas com um outro elenco e por uma outra emissora em São Paulo.<sup>16</sup>

O eixo Rio-São Paulo, nestas décadas, vanguarda a produção de bens simbólicos, especialmente na área radiofônica, surgindo então uma espécie de rivalidade entre os estados, que foi bastante acentuada durante a Revolução Constitucionalista de 32, principalmente entre as Rádio Record e Philips do Brasil, do Rio de Janeiro. Esta última emissora, que acaba sendo a porta-voz do governo federal, veicula discursos inflamados contra o movimento de 32, mas sofre uma forte oposição pela Rádio Record, que, durante este movimento, chegou a colocar um alto-falante em frente à sua sede, onde o povo se reunia para ouvir especialmente os discursos de César Ladeira, o *speaker* da Revolução:

Pelo microphone da PRAX, Rádio Philips do Rio de Janeiro, a ditadura acaba de anunciar que em São Paulo foi decretada a Lei Marcial. E para que contestar? [...] o facto dos próprios prisioneiros da ditadura, aprisionados em combate se acharem em São Paulo detidos sob palavra, o que lhes permite assistir o estupendo e incomparável espetáculo de bravura civica deste povo disposto a vencer.<sup>17</sup>

Este diferencial da programação é constantemente lembrado nos vários depoimentos de antigos radialistas que conheciam também a programação de outros estados, em especial a da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O radialista Henrique Lobo, ao comentar sobre a “pecha” de provincianismo que pairava sobre o rádio paulistano, chega a concordar: “Cuidávamos mais de São Paulo do que qualquer outra coisa; o rádio de São Paulo era um rádio paulista”<sup>18</sup>.

O rádio teve um papel importante na circulação cultural da cidade. Ao centralizar diversas formas de expressões culturais, conseguiu, ao mesmo tempo, transformar-se em um irradiador de inúmeras manifestações, traduzidas nos próprios artistas que poderiam ser apreciados em outros espaços culturais como o circo, o cinema, a praça e, especialmente a partir do final da década de 30, nos próprios auditórios das emissoras. Da mesma maneira que

<sup>16</sup> Renato ORTIZ, *A moderna tradição brasileira - Cultura brasileira e Indústria Cultural.*, p. 54.

<sup>17</sup> Folha da MANHÃ, 23 ag. 1932. In: Antonio P. TOTA, *A locomotiva no ar. Rádio e Modernidade em São Paulo (1924-1934)*, p. 104.

<sup>18</sup> Geni Rosa DUARTE, *Múltiplas vozes no ar: O rádio em São Paulo nos anos 30 e 40*, p. 179.

o rádio incorpora elementos da cultura urbana contemporânea, ele também cria novas necessidades para o ouvinte.

É possível exemplificar de maneira mais direta a importância do rádio no âmbito da cultura urbana, por intermédio das festas de carnaval na cidade de São Paulo. Ainda na década de 30, o rádio passa a ser um divulgador privilegiado das marchinhas de carnaval. O senhor Paulo Iabutti conta que, na década de 30, foram criadas muitas marchinhas em homenagem aos vários tipos femininos, mas a marchinha paulista teria outro tom:

Na década de 30 especificamente, houve uma série de anos em que foi consagrada a mulher brasileira através da cor. Então, por exemplo, em 1932, foi a mulata (através de “O teu cabelo não nega”, do Lamartine Babo, um dos maiores sucessos até hoje do carnaval), em 1933 teve “Linda Morena”, exaltando a morena. Em 1934 teve exaltação à “loirinha” (Linda loirinha, loirinha, loirinha, teus olhos claros de cristal), e assim quando, em 1936, o Ari Barroso lançou “Paulistinha Querida” aqui em São Paulo, ele faz a exaltação à Paulista, mas ao invés dele dar uma cor à paulista, ele dá uma cor política, [...] Quer dizer, ele classifica bem a Revolução de 32 que era a cor do paulista, que foi uma questão política.<sup>19</sup>

A marcha “Paulistinha querida”, de Ari Barroso, apresentada em 1936, como composição ao 1º Concurso de Músicas Carnavalescas, organizado pela Comissão de Divertimentos Públicos da Prefeitura de São Paulo, obteve o 2º lugar<sup>20</sup>. Verifica-se então uma conotação mais política a uma manifestação que, a rigor, seria mais voltada ao entretenimento dos paulistanos.

Paulistinha querida  
 Qual é tua cor  
 Que tanto disfarças  
 Com teu pó de arroz.  
 Não és loura, nem morena  
 Não tem nada de mulata  
 Paulistinha querida  
 A tua cor é 32.  
 Eu desta vez ofereço  
 Esta canção singular  
 À Paulistinha querida  
 Que um dia o Brasil inteiro  
 Há de adorar.  
 Tem um sorriso tão lindo  
 Que tanta graça mandar  
 Mesmo no céu não existe  
 Uma estrela que brilhe  
 Como o seu olhar.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Este entrevistado faz parte do grupo de recepção da tese de Marta Regina MAIA. Para obter mais dados sobre a metodologia utilizada, ver tese que está indicada nas Referências Bibliográficas deste trabalho.

<sup>20</sup> Informações originais obtidas no encarte do disco Sylvio Caldas – Januário de Oliveira /Arnaldo Pescuma da Série Fase de Ouro da MPB, gravações, novembro de 1989, Evocação.

<sup>21</sup> Faixa “Paulistinha Querida”, de Ari Barroso, Victor 34.036-B, Matriz 80.097.

Neste mesmo carnaval, a música “Mulatinha da Caserna”, de Martínez Grau e Ariovaldo Pires - que inclusive ganhou o primeiro lugar no concurso supracitado, gerando confusão e descontentamento de boa parte do público - também tem na Revolução de 32 o seu principal tema, mostrando assim que este acontecimento representava um aspecto importante na formação da própria identidade da cidade. Por certo, essa paulistanidade não foi criada pelo rádio, mas não há como negar a sua contribuição.

Nas décadas de 40 e 50, o perfil das áreas urbanas das grandes cidades começa a sofrer alterações, pois o êxodo rural é uma das características mais marcantes nessa época. Migraram para as cidades mais de 8 milhões de pessoas (cerca de 24% da população rural do Brasil em 1950)<sup>22</sup>. As pessoas que vêm do campo para a cidade começam a construir uma nova história, mas isto não representa, necessariamente, uma ruptura brusca com a cultura rural, pois muitos valores e costumes acompanham esta mudança e o rádio abre suas portas para estas manifestações. Neste sentido, o depoimento do senhor Adalésio Vieira de Oliveira, um radiouvinte da época e pesquisador autônomo da música sertaneja, é bastante elucidativo:

O rádio foi um canal de informação na minha vida. Se não fosse o rádio talvez eu estivesse na roça até hoje, trabalhando. Não teria despertado pra esse lado da vida, que existe uma coisa melhor. Eu descobri com o rádio. Uma emoção quando eu cheguei em São Paulo é quando eu entendi a placa da rua Rangel Pestana. Eu conhecia tudo pela propaganda, comerciais, eles falavam os endereços e eu guardava os endereços das ruas. Rangel Pestana, Praça da Sé, que aparecia nas músicas, quando eu vi a Praça da Sé eu fiquei emocionado. Quando eu vi a placa da Rua Nestor Pestana, rua São Luiz, Consolação, Ipiranga, São João. Que tinha até um samba do Adoniran Barbosa, que a gente cantava samba também. Então tudo isso já estava na minha cabeça já. Eu só queria conhecer de perto.<sup>23</sup>

## 2.1. Programação diversificada

É possível afirmar que a programação das emissoras paulistanas mantinha uma certa diversificação, pois atendiam aos interesses de vários segmentos sociais. Desde a Rádio Cultura, emissora que ficou famosa pela suntuosidade, pois construiu o Palácio do Rádio, na Avenida São João, nº 1285, onde havia até porteiro vestido a rigor, que recebia os visitantes, e registrava, por intermédio de um aparelho manual, o número de pessoas que tinha acesso aos estúdios<sup>24</sup>, até emissoras mais populares como a Rádio Record.

<sup>22</sup> João Manuel Cardoso de MELLO e Fernando A. NOVAIS, Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: Lilia Moritz SCHWARCZ, *História da vida privada no Brasil*, vol. 4, p. 581.

<sup>23</sup> Entrevista extraída da tese de Marta Regina MAIA.

<sup>24</sup> José Ramos TINHORÃO, *Música popular - Do gramofone ao rádio e TV*, p. 53.



Nos limites deste trabalho não há como fazer uma apresentação exaustiva da programação radiofônica e nem aprofundar a relação dos ouvintes com esta, entretanto é possível citar alguns programas marcadamente paulistanos, que refletem um certo hibridismo cultural da cidade.

No campo musical, as emissoras participavam de um certo circuito nacional, veiculando os grandes nomes da música popular, mas sempre houve espaços para gêneros mais locais:

O rádio no Brasil abriu espaço para que gêneros e estilos regionais urbanos originários nas camadas mais pobres se difundissem, para um quadro regional mais amplo, como ocorreu com o samba, canções sertanejas e choros. Esse fato notável permitiu [...] a diversificação e o alargamento das possibilidades de escolha dos artistas e dos ouvintes, provavelmente ampliando e desenvolvendo seu universo de escuta ao invés de regredi-lo.<sup>25</sup>

Outro aspecto bastante importante da radiodifusão paulistana foi o espaço proporcionado aos migrantes da área rural. A divulgação de Cornélio Pires, que, literalmente, correu o interior e a própria capital, divulgando a produção musical caipira, contribuiu para ampliar os espaços destinados a esse estilo musical<sup>26</sup>, assim como o Ariovaldo Pires, conhecido como Capitão Furtado, que atuou em diversas emissoras paulistanas. Paulo de Oliveira Freire traça um panorama, nas décadas de 30 e 40, da radiodifusão:

Os homens do campo que migravam para as grandes cidades sentiam falta do clima de sua terra, o modo de falar, as músicas e os costumes. Para atender a esse público foram criados os programas sertanejos [...] Pequenas fábricas que tinham expediente depois das seis horas da tarde, deixavam sempre o rádio ligado nos programas sertanejos. Os que acordavam cedo tomavam café ao som da viola. Os programas se multiplicavam, com apresentações de diferentes duplas, uns com mais sucesso, outros com carreira relâmpago. Era uma verdadeira febre. O caipira se transformava em um sucesso nacional<sup>27</sup>

A pluralidade de sotaques da programação radiofônica também pode ser exemplificada pelas letras e pela voz de Adoniran Barbosa. Por intermédio dele, a representação de uma parcela excluída – até então – pelas emissoras, pôde ser conhecida, pois ele conseguiu captar o cotidiano destas pessoas. As letras das músicas compostas por Adoniran trazem a crônica da cidade que passa por modificações profundas, como já foi apontado na primeira parte do texto. A partir de 1955, Adoniran, que já tinha tido sucesso com sua atuação humorística no rádio e também no cinema, consagrou-se com a música “Saudosa Maloca”, gravada pelo

---

<sup>25</sup> José Geraldo Vinci de MORAES, *Op. cit.*, p. 84.

<sup>26</sup> Ver DUARTE, Geni Rosa. *Múltiplas vozes no ar: O rádio em SP nos anos 30 e 40*. 2000. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

<sup>27</sup> Paulo de Oliveira FREIRE, *Eu nasci naquela serra*, p. 65.

grupo Demônios da Garoa, constituindo-se um fenômeno de vendagem<sup>28</sup>. São Paulo tem então um representante de outros setores sociais, não por uma questão ideológica necessariamente, mas pelo conteúdo e pela forma:

Sua linguagem humorístico-musical ‘ri da própria sorte’ na legitimidade do samba. Explicita os acontecimentos da Capital Bandeirante, não somente por fazer desfilar, em suas canções, os bairros populares de São Paulo, como por exemplo: Brás, Mooca, Bexiga, Casa Verde, mas também por refletir, nas suas criações, a vida difícil das camadas mais humildes da população paulistana. Neste sentido capta as contradições da sociedade e congela numa mentalidade cujos sons estavam na rua. Através de um lirismo poético, filtra esta sociedade, numa ruptura do código da burguesia, que é um código harmônico, com o código do popular, ou seja, aquele com caráter modal. É a fala do cotidiano; é a estória do cotidiano; é o som do cotidiano que espacializa a cidade. Adoniran é, sonoramente, São Paulo.<sup>29</sup>

Outro gênero igualmente relevante na programação foram os radioteatros e as radionovelas. Um dos precursores do radioteatro em São Paulo foi Manoel Durães, que a partir de 1936 começou a veicular as suas histórias pela Rádio Record. Mesmo com o advento das radionovelas<sup>30</sup>, vários radioteatros permaneceram em cartaz por muitos anos, tendo, por exemplo, como seus pioneiros Oduvaldo Vianna e Otávio Gabus Mendes.

A Rádio São Paulo, principal referência na área a partir do final da década de 40, especializou-se nesta área e contava com uma audiência privilegiada. Diariamente eram veiculadas dezenas de radionovelas que contribuíam para o deleite emocional e para a alteração de alguns hábitos da população (especialmente relativos a horários), como é possível verificar por intermédio do depoimento de Oduvaldo Vianna, que conta o porquê da presença do escritor Monteiro Lobato certa noite na emissora para saciar sua curiosidade sobre a produção das radionovelas, em especial dos efeitos sonoros transmitidos:

Monteiro Lobato [...] Na antevéspera fora a um velório. Notou com certa estranheza, em determinada hora, que tudo quanto era mulher deixara a sala em que se achava o defunto. Às nove horas da noite somente alguns homens restavam no velório. Consultou o relógio. Nove da noite. Pouco depois começou a ouvir vozes chorosas que vinham do andar superior. Levantou-se e deixou também a sala, curioso e preocupado. Subiu por uma pequena escada. O rumor foi aumentando. Chegou à porta de um quarto que estava fechada. E os lamentos, os soluços tornaram-se mais nítidos. Que estaria acontecendo? [...] com o intuito de prestar socorro, de ser útil, abriu a porta. As mulheres que enchiam o quarto, voltaram-se assustadas, mas os lamentos e os soluços prosseguiram. Vinham de um rádio. Uma das ouvintes explicou a Monteiro Lobato, boquiaberto, o que estava acontecendo: a

<sup>28</sup> PEREIRA, J., “Discos”, *Diário da Noite*, São Paulo, 22 de julho de 1955, p. 4. In: Maria Aparecida BENTO, *op. cit.*, p. 28.

<sup>29</sup> Maria Aparecida BENTO, *Um cantar paulistano: Adoniran Barbosa*, p. 222.

<sup>30</sup> Ver Silvana Martos SCARPARO, *A voz amiga em seu lar – Análise das formas de relacionamento entre ouvintes e radionovelas em São Paulo nas décadas de 40 e 50*.

novela. E o escritor, agora sorrindo, sentou-se e ouviu também. E meu amigo me procurou. Tinha curiosidade de saber como se transmitia tudo aquilo.<sup>31</sup>

Ainda no campo ficcional é relevante a citação dos programas humorísticos. Um dos consensos na historiografia do período é Vital Fernandes da Silva, o Nhô Totico. Seus programas começaram a ser veiculados ainda na década de 30 pela Rádio Cultura e posteriormente, na Rádio América. “Escolinha da Dona Olinda” e “Vila do Arrelia” eram programas feitos com muito improviso, tendo um aspecto bastante peculiar, pois todos os personagens e inclusive a sonoplastia eram interpretados pelo próprio Nhô Totico.

Pela “Escolinha” passaram vários personagens representantes dos diversos países de origem dos imigrantes, além dos muitos migrantes que já começavam se deslocar para a capital. O senhor Paulo Iabutti também relembra a atuação destacada deste humorista:

Eu assisti ele pessoalmente na Rádio Cultura, que era o Palácio do Rádio, aqui na Avenida São João. Você estava no auditório e ele entrava, de terno, gravata. Ele cumprimentava a turma e começava, com um microfone, ele imitava pelo menos umas quinze vozes, improvisado. Quer dizer, durante uma hora ele improvisava aqueles diálogos [...] Era uma coisa de louco. Ele fazia o papel da professora, que era a dona Linda, professorinha. Tinha o Italianinho que era o Mingau. Tinha o Nortista que era o Mingote. Tinha o japonês que era o Soho. Tinha o Jorginho que era o Turquinho. Tinha o Sebastião que era o Pretinho. Tinha o Minguinho que era um menino mimado. Enfim, ele fazia toda aquela coisa lá, tudo na base do riso. [...] Então, é isso que eu digo. Infelizmente, um cara desse não era reconhecido porque ele era um gênio. [...] mudando de vozes e improvisando e criando.<sup>32</sup>

Outra referência obrigatória na história do rádio paulistano é a do cronista da cidade, Osvaldo Moles. Os programas criados por ele, traçavam um panorama de certas regiões da cidade, retratando assim a vida daqueles que eram marginalizados no interior da sociedade. As falas de seus personagens carregavam um sotaque “cantado”, típico de paulistano com nítida ascendência do italiano, mostrando as influências advindas da grande presença do imigrante italiano na cidade de São Paulo. No trecho a seguir, extraído do programa “São Paulo – Nossa cidade”, um exemplo da crônica produzida por ele:

Mas mesmo que a gente não queira reconhecer o domingo tem assim um ar diferente dos outros dias, parece que anda esparso no ar um cheiro de felicidade [...] Lá naqueles bairros em que nenhuma sombra de árvore mancha a atmosfera das ruas, a criançada está começando a manhã de domingo com um divertimento de roda, os menores cantam a uma voz sempre a mesma coisa, os maiores, entretanto, preferem outro tipo de divertimento, nas ruas sem calçamento da Casa Verde [...] assim vai o

<sup>31</sup> Deocélia VIANNA, *Companheiros de viagem*, p. 72.

<sup>32</sup> Entrevista extraída da tese de Marta Regina MAIA.

futebol na Casa Verde até que a dona Mariucha aparece, emoldurada pelos batentes da porta, naquele vestido desbotado, que se arrependeu de ser pecaminosamente vermelho [...] – Bandido, foi você que cortô as minhas meia nova pra fazer bola de ‘futibola’, não? – Eu não fui manhê...”<sup>33</sup>

As histórias contadas por Osvaldo Moles ficaram imortalizadas na voz de Adoniran Barbosa. Os seus personagens são lembrados com muita vivacidade por todos aqueles que escutavam rádio no período. Em “História das Malocas”, veiculado pela Rádio Record, as agruras do cotidiano eram passadas com maestria pelos personagens Charutinho e Terezoca, interpretados respectivamente por Adoniran e Maria Tereza.

O radiojornalismo também era muito importante neste contexto. A partir da década de 40 recebeu um grande impulso e muita audiência devido à Segunda Guerra Mundial. A Rádio Tupi criou, em 1942, o “Grande Jornal Falado Tupi”, abrindo espaço, posteriormente, para a transmissão do “Repórter Esso”, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, outro destaque da radiodifusão, que teve a sua estréia em 1941.

Nos depoimentos dos radiouvintes sobre os momentos marcantes do radiojornalismo e que mobilizaram de uma maneira bastante acentuada a vida dos mesmos, destacam-se duas notícias: o final da Segunda Guerra Mundial e o suicídio do presidente Getúlio Vargas.

O rádio sempre acompanhava os afazeres, como conta a senhora Jurema Pereira Ponce, ao retratar como ela ficou sabendo do final da Segunda Guerra:

O papai plantava milho na época. Milho, fazia uma, um sitiozinho lá dentro do Instituto [Butantã] mesmo e no dia em que terminou a guerra, que agora não me lembro a data direito sabe, sei que foi final de 45 [...] E nós estávamos debulhando milho num salão muito grande. Reuniu toda a família pra debulhar o milho. Ele já tinha colhido tudo e quando surgiu no rádio o término da guerra, nós começamos a jogar milho pra todos os lados. Foi uma maravilha. Todo mundo muito feliz sabe?

[...] Inclusive um dos nossos parentes, parente não, um dos maridos de uma das minhas primas estava, foi como pracinha. O nome dele era José Pacheco. Ele participou da guerra, tudo, lá e a gente ficou muito feliz quando terminou e sabendo que ele estava vivo e depois ele voltou. Foi uma coisa bem assim [...] Jogando milho um pro outro assim, sabe. Nós já tínhamos debulhado muitos, fazia dias que estávamos trabalhando na colheita, então foi uma maravilha. Uma alegria.

Essa minha tia tinha um rádio assim de capelinha [...] estava ligado o rádio lá, no momento em que a gente estava trabalhando no milho e quando surgiu a notícia, nossa. Foi maravilhoso, maravilhoso. Eu tinha, acho que uns 13 anos, por aí.<sup>34</sup>

O senhor Paulo Iabutti acompanhou a Segunda Guerra pelo rádio, mas ainda complementava suas informações pelos jornais: “a gente acompanhava diariamente o

<sup>33</sup> Extraído do programa “A história do rádio no Brasil”, Rádio USP.

<sup>34</sup> Entrevista extraída da tese de Marta Regina MAIA.

desenvolvimento da guerra. O Grande Jornal Tupi era ouvido praticamente por 99% da população de São Paulo, então eu acompanhava *pari passu*". Ele também narra as suas lembranças sobre o final da guerra:

Acompanhei tudo pelo rádio, ouvia as comemorações. Inclusive, eu estava na escola, quando terminou a guerra eu estava no último ano da escola. Os colegas estavam lá, todos festejando o fim da guerra. Todo mundo comemorando a bomba atômica. A bomba atômica parecia que ia salvar o mundo [risos]. Mas eu me lembro, perfeitamente, inclusive, logo a seguir, quando as tropas brasileiras da FEB [Força Expedicionária Brasileira] retornaram ao Brasil, eles desfilaram aqui na avenida São João e depois também no Ibirapuera, que ainda era só mato, não tinha ainda essa coisa que foi inaugurada em 1954, né? Esse parque. Então eu fui lá receber os soldados brasileiros, eu vi quando chegaram as tropas brasileiras de retorno da guerra lá da Itália.<sup>35</sup>

O rádio não está dissociado do sistema político em curso e nem é objetivo deste trabalho, tratá-lo como fenômeno isolado deste contexto, entretanto é possível percebê-lo em relação ao todo com uma certa autonomia, já que até a década de 50, a indústria cultural ainda não estava tão fortemente arraigada na sociedade brasileira. É importante registrar ainda que o rádio não participou somente de um processo simbólico, mas que também estimulou o consumo, afinal muitos de seus programas eram patrocinados por empresas que buscavam no veículo um apoio para a ampliação de suas vendas.

O rádio por ter um passado vinculado ao popular e ainda, pelo menos até a década de 60, ter tido uma conotação mais regional, teve condições de mostrar-se de maneira mais plural - sofrerá uma alteração muito acentuada com o advento da formação das redes a partir da década de 70 - diferente da televisão que, inclusive devido a questões técnicas acaba tendo uma programação mais centralizada, em especial após o advento do videotape. Como o próprio Martín-Barbero comenta: "O rádio nacionalizou o idioma, mas preservou alguns ritmos, sotaques, tons. A televisão unifica para todo o país uma fala na qual, exceto para efeito de folclorização, a tendência é para a erradicação das entonações regionais".<sup>36</sup>

A sociabilidade proporcionada pelo rádio, citado como um constante companheiro, criou laços de afetividade entre público e emissoras, que permearam todo o imaginário coletivo, expresso a partir desta troca de sensações, que se realizava de maneira acentuada, pois a relação estabelecida era de cumplicidade. Esta relação também pôde ser observada em diversos materiais e manifestações culturais da época, que proporcionavam um suporte essencial para a circulação de sentidos na esfera social.

---

<sup>35</sup> *Ibid.*

<sup>36</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*, p. 268.

## Referências bibliográficas

ARANTES NETO, Antonio A. *Paisagens paulistanas: Transformações do espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. São Paulo: EDUSC, 2001.

BENTO, Maria Ap. *Cantar paulistano: Adoniran Barbosa*. 1990. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CENTRO CULTURAL de São Paulo. *O rádio paulista no centenário de Roquette Pinto. 1884-1984*. São Paulo: 1984.

DUARTE, Geni Rosa. *Múltiplas vozes no ar: O rádio em SP nos anos 30 e 40*. 2000. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

DECCA, Edgar Salvadori de. *1930: O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Oswald: Itinerário de um homem sem profissão*. Campinas : Editora da Unicamp, 1989.

FREIRE, Paulo de Oliveira, *Eu nasci naquela serra: A história de Angelino de Oliveira, Raul Torres e Serrinha*. São Paulo: Paulicéia, 1996.

HONÓRIO FILHO, Wolney. *O sertão nos embalos da música rural 1929-1950*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LOFEGO, Silvio Luiz. *História e tradições da cidade de São Paulo: Estudo sobre a narrativa memorialista de Ernani Silva Bruno*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual de São Paulo.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papyrus, 1986.

MAIA, Marta R. “Reflexão: a cidade tem saída: Entrevista de Raquel Rolnik à Marta Maia”. In MEDINA, Cremilda (org.), *Cotidianos do metrô*, São Paulo: ECA/USP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Quadros Radiofônicos: Memórias da comunidade radiouvinte paulistana (1930-1950)*. 2003. Tese (Ciências da Comunicação) Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

MADRID, A. Casquel. *Aspectos da teleradiodifusão brasileira*. 1972. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRio de Janeiro, 1997.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: Lilia Moritz SCHWARCZ, *História da vida privada no Brasil*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MENDES JUNIOR, Antonio; MARANHÃO, Ricardo (orgs), *Brasil História: Texto e Consulta – Era de Vargas*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MORAES, José Geraldo Vinci de. Rádio e música popular nos anos 30, p. 76. In: Revista de História do Departamento de História da Universidade de São Paulo, nº 140, 1999.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira - Cultura brasileira e Indústria Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROLNICK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel, 1997.

SCARPARO, Silvana Martos. *A voz amiga em seu lar: análise das formas de relacionamento entre ouvintes e radionovelas em São Paulo nas décadas de 40 e 50*. 1994. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SEVCENKO, Nicolau (org.). A capital irradiante: Técnica, ritmos e ritos do Rio. In: *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. *Música popular - Do gramofone ao rádio e TV*. São Paulo: Ática, 1981. Coleção Ensaios, 69.

TOTA, Antonio Pedro. *A locomotiva no ar. Rádio e Modernidade em São Paulo (1924-1934)*. São Paulo: PW Gráficos e Editores Associados, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1990.

VIANNA, Deocélia. *Companheiros de viagem*. São Paulo: Brasiliense, 1984.